

EDGAR A. POE

O Sistema do Dr. Pixe e Prof. Pena

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

canal6 editora

© Renato Massaharu Hassunuma

Título original

The system of Doctor Tarr and Professor Fether

Conselho Editorial

BIOMÉDICA M.^a MARYANA LOURENÇO BASTOS DO NASCIMENTO
Mestra em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP)

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos – FACSM

Capa e Design

Renato Massaharu Hassunuma

Créditos das Figuras

Capa, páginas capitulares e contracapa

Fonte: Arai T. Close up photo of black shiny feathers [Internet]. 2020 Apr 08 [acesso 13 mai 2025].

Disponível em: <https://www.pexels.com/photo/close-up-photo-of-black-shiny-feathers-4107337/>. Figura registrada como: *Free to use. Attribution is not required.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P743s

1.ed. Poe, Edgar A., 1809-1849

O sistema do Dr. Pixe e do Prof. Pena [livro eletrônico] / Edgar A. Poe; tradução e adaptação: Renato Massaharu Hassunuma. – 1. ed. – Bauru, SP: Canal 6, 2025.

PDF.

Título original: The system of Doctor Tarr and Professor Fether.

ISBN 978-85-7917-690-6

1. Ficção norte-americana. I. Hassunuma, Renato Massaharu. II. Título.

06-2025/65

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Bibliotecária : Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

EDGAR A. POE

O Sistema do Dr. Pixe e Prof. Pena

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma
*Professor Titular do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

1ª Edição / 2025
Bauru, SP

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Biomédica M.^a Maryana Lourenço Bastos do Nascimento e o Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva**, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

Agradeço o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP** na publicação desta obra.

Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma

APRESENTAÇÃO

O conto **O sistema do Dr. Pixe e do Prof. Pena** foi publicado pela primeira vez em 1845. A história relata a visita do narrador a um hospício francês, comandado pelo misterioso Sr. Maillard. Pesquisadores sugerem que esta obra tenha sido uma inspiração para vários outros escritores, incluindo **O alienista** de Machado de Assis.

Esta publicação é uma produção científica do **GP15 - Grupo de Pesquisa em Informática em Saúde**. Para mais informações sobre o GP15, acesse o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes/CNPq, disponível no *link*: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763>.

Esta obra teve o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP**, como parte das atividades desenvolvidas no Projeto Individual de Pesquisa para Docentes intitulado “**A exumação de Edgar Allan Poe: encerrando um estudo de 7 anos com 13 publicações científicas sobre temas da área da saúde abordados em seus contos**”.

Uma boa leitura!

Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma

EDGAR A. POE

O Sistema do
Dr. Pixe e Prof. Pena

EDGAR A. POE

O Sistema do Dr. Pixe e Prof. Pena

Era outono quando cavalgava durante uma viagem em uma província no extremo sul da França. Perto do caminho havia um famoso, considerado muito importante segundo alguns amigos médicos parisienses. Fiquei curioso para conhecer a instituição. Eu nunca havia visitado um lugar como aquele. Pensei ser uma excelente oportunidade.

Naquele momento, eu estava acompanhado por uma pessoa que havia conhecido casualmente apenas alguns dias antes. Perguntei a ele se poderíamos desviar da nossa rota para conhecermos o estabelecimento. Ele imediatamente se opôs. Disse que a parada iria atrasar a viagem.

Além disso, disse que não se sentia confortável para conhecer pacientes em um manicômio. Mesmo assim, ele me disse que não desejava me atrapalhar. Sugeriu que eu fizesse a visita, enquanto ele prosseguia a viagem lentamente, de forma que eu poderia alcançá-lo em um ou dois dias.

Mencionei a ele que eu estava preocupado se conseguiria realizar uma visita ao local. Então, ele mencionou que conhecia o Sr. Maillard, o superintendente daquele hospício. Afirmou que a entrada nesse tipo de lugar é restrita, porque os regulamentos de manicômios privados são muito mais rígidos do que os dos hospitais públicos. Então, ele se ofereceu para me acompanhar até a entrada da instituição e me apresentar ao Sr. Maillard.

Agradei sua boa vontade. Saímos da estrada em que seguíamos e entramos em um caminho coberto de grama. Meia hora depois, estávamos no interior de uma floresta densa, úmida e sóbria, dando uma volta ao redor da base de uma montanha. Seguimos por cerca de três quilômetros, quando chegamos ao local. Era uma construção imponente e fantástica, mas desgastada pela idade e abandono, adquirindo um aspecto pavoroso.

Senti vontade de voltar, mas fiquei envergonhado de confessar a minha fraqueza ao meu companheiro de viagem e assim decidi continuar em direção à entrada. Cavalgamos até o portão que estava ligeiramente aberto. Havia o rosto de um homem nos espiando. Momentos depois, o homem abordou meu companheiro pelo nome. Eles apertaram as mãos cordialmente. Ele nos convidou a entrar. Era o próprio Sr. Maillard, um cavalheiro de boa aparência, corpulento, com modos polidos e um jeito autoritário que muito me impressionou.

Meu companheiro me apresentou ao superintendente e mencionou a minha vontade de conhecer o local. O Sr. Maillard garantiu que me mostraria a instituição com toda a atenção.

Então, meu conhecido se despediu de nós, e aquela foi a última vez que o vi. O Sr. Maillard me conduziu a uma sala pequena e extremamente organizada, contendo decoração de gosto bastante refinado, muitos livros, desenhos, vasos de flores e instrumentos musicais. O fogo, vindo da lareira, nos aquecia de forma bastante agradável. Uma jovem tocava no piano uma ária de Bellini, acompanhada por uma outra bonita cantora que, na nossa entrada, fez uma pausa em sua canção e nos recebeu com muita cortesia. Sua voz era suave e melancólica. Havia uma certa tristeza em seu semblante pálido. Ela estava de luto. Enquanto a observava, havia dentro de mim uma sensação de respeito, interesse e admiração misturados.

Em Paris, ouvi dizer que aquela instituição aplicava um "sistema de calmante", na qual todas punições eram evitadas. O confinamento era raramente usado e os pacientes eram vigiados secretamente, recebendo muita liberdade. A maioria deles tinha permissão para vagar por todo o prédio e pelo terreno. Eles usavam trajes de pessoas comuns, em sã consciência.

Assim, não tinha certeza se a jovem que observava anteriormente seria sã. Havia nela um certo brilho inquieto em seus olhos. Embora ela tenha me respondido tudo de maneira perfeitamente racional. Mas mesmo assim, fui cauteloso.

Em seguida, observei a entrada de um funcionário muito elegante, carregando uma bandeja com frutas, vinho e refrescos. Enquanto isso, a jovem deixava o local, e perguntei ao anfitrião se ela era uma das pacientes daquele local:

- Não, não. Ela é minha sobrinha e uma mulher muito talentosa.
- Peço mil perdões - respondi - mas com essa excelente administração de seus negócios aqui... Eu pensei que seria possível... você sabe.

- Sim, sim. Não se desculpe, eu é que devo agradecer a sua gentileza em perguntar de forma tão prudente. Enquanto o sistema anterior estava em operação, as coisas não eram bem assim. Por isso, fui obrigado a impor um sistema rígido para evitar a entrada de qualquer pessoa que eu não pudesse confiar.
- O senhor mencionou um sistema anterior. Quer dizer que o sistema calmante não está mais em vigor?
- Já se passaram várias semanas desde que renunciamos a este método.
- Isso me surpreende.
- O sistema calmante era perigoso e suas vantagens foram superestimadas. Lamento que você não possa ter nos visitado antes para que pudesse julgar o sistema por si mesmo. Mas presumo que você esteja familiarizado com o sistema calmante.
- Não, não. Apenas ouvi comentários.
- Posso afirmar que o sistema era baseado na anuência. Os pacientes não estavam satisfeitos. Tivemos homens, por exemplo, que imaginavam ser galinhas. Estes recebiam uma dieta de milho e cascalho por uma semana. Mas não era apenas isso, os pacientes também tinham atividades de rotina como música, dança, academia, redação, leitura e assim por diante. Tratávamos cada indivíduo como se possuísse uma doença comum, e a palavra "loucura" nunca era usada. Foi assim que depositamos nossa confiança e ganhamos a deles. Desta forma, pudemos também dispensar os seguranças.
- E não houve problemas de qualquer tipo?
- Nenhum.
- Nunca foi necessário confinar seus pacientes?

– Muito raramente. Apenas quando algum indivíduo entrava em crise. Os pacientes eram transportados para uma cela secreta, para que ele não influenciasse os demais. O paciente permanecia preso até que pudéssemos reintegrá-lo com seus amigos.

– E agora? Você adotou outro sistema? Notou alguma melhora?

– Certamente. O sistema antigo tinha algumas desvantagens e até mesmo perigos. Agora, felizmente, este novo sistema é aplicado em todas as outras instituições da França.

– Estou muito surpreso com o que você me diz – eu disse – pois acreditava que existissem outros métodos de tratamento para transtornos psicológicos em outras partes do país.

– Você ainda é jovem, meu amigo – respondeu o anfitrião – um dia irá aprender a não confiar nas fofocas que ouve. Não acredite em nada que você ouve e apenas na metade do que você vê. Agora, sobre o nosso método, é claro que algum ignorante o enganou. No entanto, depois do jantar, caso não esteja muito cansado da viagem, ficarei feliz em apresentar-lhe o nosso sistema que, na minha opinião e na de todos os outros que testemunharam sua operação, é sem comparação o mais eficaz já concebido.

– Este sistema foi criado pelo senhor? – perguntei.

– Sim! Sou muito orgulhoso por ter proposto o novo sistema – respondeu ele.

Conversei com Sr. Maillard por mais uma ou duas horas, enquanto caminhávamos pelo jardim.

– Não posso deixar que você veja meus pacientes. Pode haver alguma situação chocante que pode estragar seu apetite para o jantar. Vamos comer primeiro. Vou lhe oferecer uma vitela à la St. Menehault com couve-flor ao molho velouté e depois disso, um copo de Clos de Vougeôt. Só então seus nervos estarão suficientemente preparados.

Às dezoito horas, o jantar foi anunciado. Fui conduzido pelo meu anfitrião a uma grande sala de jantar, onde havia cerca de vinte e cinco ou trinta pessoas. Aparentemente, eram todas pessoas distintas e educadas, embora seus trajes fossem demasiadamente extravagantes.

Ao menos dois terços desses convidados eram mulheres, algumas com um gosto duvidoso. Muitas com mais de setenta anos usavam uma quantidade exorbitante de joias, incluindo anéis, pulseiras e brincos, que se espalhavam pelas roupas excessivamente decotadas. Poucos vestidos eram bem feitos, na maioria delas, eles mal serviam nas mulheres que os usavam.

Entre elas estava aquela cantora que eu havia encontrado anteriormente. Ela usava um vestido estranho, sapatos de salto alto e um chapéu rendado, sujo e tão grande que dava a impressão que ela tinha uma cabeça ridiculamente pequena. Mas lembrei que meus amigos parisienses me alertaram que o povo do sul era peculiarmente excêntrico.

A sala de jantar era bastante confortável e tinha um bom tamanho. Mas não havia nada de elegante demais. O chão não era acarpetado, o que era comum na França. As janelas não tinham cortinas. As venezianas eram firmemente presas a barras de ferro. Havia algo em torno de umas dez janelas ao todo.

A mesa estava soberbamente posta, carregada de pratos e iguarias. Nunca, em toda a minha vida, testemunhei um jantar tão magnífico. No entanto, faltava bom gosto nos arranjos. Meus olhos, acostumados a luzes calmas, se ofuscaram com o brilho intenso das inúmeras velas de cera, posicionadas sobre a mesa em candelabros de prata, que foram espalhados por toda sala. Havia vários empregados trabalhando no momento e músicos que pareciam divertir a todos, menos eu. De forma geral, notei que havia algo de bizarro naquele lugar.

Mas o mundo é feito de todos os tipos de pessoas, com pensamentos e costumes diferentes. Eu já viajei para tantos lugares, que nada mais me surpreende. Sentei em uma cadeira fria à direita de meu anfitrião, e tratei de saciar meu enorme apetite.

Durante o jantar, a conversa foi bastante animada. As senhoras conversavam muito e eram bastante educadas. O meu anfitrião apresentava piadas engraçadas sobre si mesmo. Ele parecia bastante disposto a falar de seu cargo na instituição. Muitas histórias divertidas foram contadas, principalmente se referindo aos caprichos dos pacientes daquela instituição.

– Tivemos um sujeito aqui que imaginava ser um bule de chá – disse um cavalheiro gordo que estava sentado à minha direita.

– E então, tivemos também uma pessoa que acreditava ser um burro – disse um homem alto, sentado bem à minha frente – Ele era um paciente problemático. Tivemos muito trabalho para mantê-lo aqui. Por muito tempo ele não comia nada além de capim. Mas logo ele foi curado, pois deixamos ele sem comer nada! Mas ele continuava dando coices com seus calcanhares!

– Sr. De Kock, por favor, se comporte! – interrompeu uma velha senhora sentada ao seu lado – Por favor, controle seus pés! Você me deu um coice que estragou o brocado da minha saia! Nosso amigo certamente pode compreendê-lo, sem você me chutar. Você é quase tão grande burro quanto aquele pobre infeliz.

– Mil perdões, Srta. Laplace – respondeu o Sr. De Kock – Eu não tinha intenção de ofender – O Sr. De Kock curvou-se, beijou a sua mão com muita cerimônia e a acompanhou em um gole de vinho.

– Permita-me, meu amigo – disse o Sr. Maillard a mim – Permita-me servir um pedaço desta vitela à *la St. Menhault*. Você vai achá-la particularmente boa.

Nesse instante, três garçons enormes serviam sobre a mesa um assado monstruoso em uma bandeja enorme. Logo percebi que era um bezerro inteiro assado, apoiado sobre os joelhos, com uma maçã na boca, seguindo a moda inglesa de servir lebres.

– Obrigado! – respondi – Mas para dizer a verdade, não aprecio vitela. Acho que vou experimentar o coelho.

Observei que havia vários acompanhamentos sobre a mesa, mas o coelho parecia ser um prato mais comum.

– Pierre – chamou o anfitrião – troque o prato deste cavalheiro. Ele deseja o coelho *au-chât*.

– Desejo o que? – eu perguntei.

– Coelho *au-chât*.

– Ah, sim. Mas pensando bem, acho que prefiro o presunto mesmo.

Todos os pratos foram preparados usando técnicas francesas de gastronomia. Eu não fazia a menor ideia do que eram. Só sei que não gostaria de descobrir que o coelho *au-chât* era algum tipo de “gato-au-coelho”.

– E então – disse um homem de aparência cadavérica sentada próximo ao pé da mesa – Já tivemos muitos pacientes esquisitos por aqui. Um deles acreditava ser um queijo Cordova. Ele andava com uma faca na mão, perguntando a seus amigos se não desejavam provar uma pequena fatia do meio de sua perna.

– Ele era um tolo, sem dúvida! Mas nada comparado a um certo indivíduo que todos nós conhecemos, exceto nosso visitante, que pensava ser uma garrafa de champanhe – fazendo um som usando o polegar direito na bochecha esquerda imitando o estalo de uma rolha retirada de uma garrafa e assoviando uma imitação da espuma de champanhe vazando da garrafa.

Naquele momento, percebi que aquele tipo de comportamento não agradava muito o Sr. Maillard. Mas ele não dizia nada. A conversa foi então retomada por um homenzinho muito magro com uma peruca grande.

– E então, havia um outro que pensava ser um sapo. O senhor precisava ver – disse para mim – Seu coaxar beirava a perfeição!

– Não tenho dúvidas disso – eu disse.

– E então, havia também o pequeno Gaillard, que imaginava ser uma pitada de rapé.

– E então, também tinha o Jules Desoulières, que era um gênio que enlouqueceu acreditando ser uma abóbora. Ele implorava para o cozinheiro fazer dele uma torta. Na minha opinião, fico imaginando se uma torta de abóbora à *la Desoulières* não teria sido interessante de se comer.

– Que surpreendente – disse eu, olhando inquisitivamente para o Sr. Maillard.

– Você não deve levar todo esse papo ao pé da letra – disse nosso anfitrião.

– E então, tinha também o Bouffon Le Grand. Ele afirmava possuir duas cabeças: uma era a cabeça de Cícero e a outra tinha Demóstenes do topo da testa até a boca e Lord Brougham da boca ao queixo. Ele mostrava toda a sua grande eloquência. Aquele homem tinha uma paixão pela oratória e fazia questão de se exhibir.

– E então, havia o Boullard, um paciente que acreditava ser um pião. O senhor precisava ver como ele girava!

– E então, havia a madame Joyeuse, uma pessoa excêntrica que descobriu ter sido transformada em um galo! – disse uma senhora batendo as asas e cacarejando.

– Madame Joyeuse, peço que se comporte! – interrompeu nervosamente nosso anfitrião – Você deve se comportar como uma dama ou deve se retirar da mesa imediatamente. Escolha o que prefere fazer.

Fiquei surpreso ao ver que aquela senhora, sentada à mesa, era a própria madame Joyeuse. Ela se descreveu e estava envergonhada pelo que disse. Ela abaixou a sua cabeça e não disse mais nenhuma palavra. Foi então que outra senhora mais jovem retomou o tema. Era aquela minha linda garota da pequena sala!

– Madame Joyeuse tinha um bom senso na opinião de Eugénie Salsafette. Ela era uma jovem muito bonita, modesta e que se vestia muito bem. E então, então, então, então, e então, então, então, então, e então...

– Meu Deus, Srta. Salsafette – gritou uma dúzia de vozes ao mesmo tempo – o que está fazendo?

Várias pessoas já estavam se levantando de seus assentos para controlar a Srta. Salsafette, quando houve uma série de gritos de alguma parte da instituição. Fiquei muito assustado com os berros. Mas fiquei com pena do restante das pessoas. Nunca vi tanta gente assustada em toda minha vida. Eles ficaram pálidos como cadáveres e se encolheram em seus assentos. Tremiam ao ouvir cada grito, que vinha de novo e de novo. Cada vez mais altos. De repente, houve um silêncio. Todos recuperaram os ânimos e tudo era motivo de risadas. Resolvi então perguntar de onde vieram aqueles berros.

– Não é nada de mais – disse Sr. Maillard – Já estamos acostumados com essas coisas e nos importamos muito pouco com elas. Os pacientes, de vez em quando, berram em conjunto. Um acompanhando o outro, como cães à noite. Ocasionalmente os gritos são acompanhados por tentativas de fuga e, por isso, o perigo.

– Quantos pacientes estão abrigados aqui?

- No momento, não temos mais de dez, no total.
 - Principalmente mulheres, eu presumo.
 - Não. Temos homens, incluindo alguns bem robustos também.
 - Pensava que a maioria dos pacientes fosse mulheres.
 - Nem sempre é assim. Há algum tempo atrás, havia cerca de vinte e sete pacientes aqui. Destes, nada menos que dezoito eram mulheres. Mas, ultimamente, as coisas mudaram muito, como você vê.
 - Sim; mudaram muito, como você vê – interrompeu o cavalheiro que havia chutado as canelas da Srta. Laplace.
 - Sim; mudaram muito, como você vê – repetiram todos que estavam à mesa.
 - Segurem suas línguas! Cada um de vocês! – disse irado o anfitrião.
- O grupo sentado à mesa permaneceu em um silêncio mortal por quase um minuto. Uma das senhoras obedeceu ao Sr. Maillard de forma bastante literal, segurando sua língua com suas mãos durante um bom tempo.
- E esta senhora? – sussurrei ao Sr. Maillard – Esta boa senhora que acabou de falar, creio que seja inofensiva, correto?
 - Inofensiva? Por que? O que quer dizer?
 - Quando ela tem alguma crise – eu comentei tocando o dedo indicador na minha cabeça – ela não se torna perigosa, correto?
 - Meu Deus, não! O que o senhor está pensando? Ela é uma velha amiga minha. Madame Joyeuse é tão absolutamente sã quanto eu. Ela tem seus momentos de excentricidades, com certeza.
 - Com certeza – respondi – então, as demais pessoas desta mesa...
 - São todos meus amigos – interrompeu Sr. Maillard.

- O que? Todos eles? Incluindo as mulheres?
- Certamente – ele afirmou – não poderíamos viver sem as mulheres! Elas são as melhores enfermeiras. Têm um jeito próprio, você sabe.
- Com certeza – concordei – mas eles se comportam de uma forma um pouco estranha, não percebe?
- Estranha? Por que você acha? Talvez você já esteja embriagado pelo *Clos de Vougeôt*.
- Pode ser – disse eu – mas, mudando de assunto, me explique esse novo sistema que você adotou ao local.
- Aqui, nosso confinamento é necessário, mas o tratamento médico é o mais agradável possível para os pacientes.
- E esse novo sistema é uma invenção sua?
- Não totalmente. Algumas partes dele são referentes às pesquisas do Dr. Pixe, de quem você ouviu falar, e com as modificações sugeridas pelo célebre Prof. Pena, que o senhor também já deve conhecer.
- Tenho vergonha de confessar – respondi – mas, nunca ouvi o nome de nenhum destes cavalheiros antes.
- Meu Deus! – berrou o anfitrião, levantando-se da cadeira abruptamente e erguendo as mãos – Estou escutando direito? Você não pretendia confessar, não é? Nunca ouviu falar do Dr. Pixe e do Prof. Pena?
- Perdoe a minha ignorância – lamentei – mas esta é a verdade. Sr. Maillard, devo confessar que me fez ficar envergonhado agora.
- Não diga mais nada, meu amigo – dizia ele, gentilmente apertando a minha mão – Junte-se a nós novamente em companhia de uma taça de *Sauterne*.

Continuamos a beber sem restrições.

Todos à mesa conversaram, brincaram, riam, falavam mil absurdos. Tudo isso ao som altíssimo de violinos, tambores e trombones. Foi necessário que o Sr. Maillard e eu, após algumas garrafas de *Sauterne* e *Vougeôt*, conversássemos no volume mais alto de nossa voz para conseguirmos nos ouvir.

– O senhor mencionou algo, antes do jantar, sobre o perigo do antigo sistema. O que houve? – eu dizia, gritando no ouvido do Sr. Maillard.

– Sim! Havia um perigo muito grande. Assim como no sistema do Dr. Pixe e do Prof. Pena, nunca é seguro permitir que os pacientes fiquem totalmente livres sem acompanhamento. Um louco pode ser acalmado por um tempo, mas logo é possível que tenha uma crise. Eles também podem fingir que estão sãos. Quando um louco parece completamente são, na verdade, é hora de colocá-lo em uma camisa de força.

– Mas a que tipo de perigo o senhor se referiu? Houve incidentes aqui com algum paciente?

– Aqui? Enquanto estive aqui? Posso dizer, sim. Há um tempo atrás, os pacientes ficavam soltos nesta instituição. Mas, numa bela manhã, os seguranças tiveram suas mãos e seus pés amarrados e foram jogados nas celas, onde foram tratados como loucos. A partir daquele momento, foram os próprios lunáticos que assumiram a administração desta instituição.

– Não me diga! Que absurdo!

– Pois é. Tudo foi organizado por um louco estúpido que, de alguma forma, acreditava ter inventado um sistema de tratamento melhor do que qualquer outro anterior. Ele desejava testar seu sistema, suponho. E assim ele convenceu o restante dos pacientes a se unirem a ele em uma conspiração contra a administração da época.

– E ele conseguiu?

– Sim! Os seguranças permaneceram trancados em suas celas e foram muito mal tratados.

– Presumo que, logo depois, houve algum tipo de rebelião para resolver a situação.

– Pelo contrário, o líder era muito esperto. Ele não deixava mais nenhum visitante entrar na instituição. Até que um dia, um estúpido cavaleiro adentrou o local. Parecia que o líder queria se divertir um pouco com o visitante.

– E por quanto tempo os loucos reinaram neste lugar?

– Por muito tempo. De fato, nem consigo me lembrar. Mas sei que os pacientes se divertiram. Trocaram suas roupas por aquelas que encontraram nos guarda-roupas, usaram joias que acharam pelos quartos e se embebedaram com os vinhos da adega. Foi um período em que viveram muito bem.

– Mas como ficou o tratamento. O líder deles implantou algum tipo de sistema?

– Nem todo louco é tolo. E para ser sincero, o sistema foi melhor do que o anterior.

Neste momento, meu anfitrião foi interrompido por uma série de gritos que pareciam vir de pessoas que se aproximavam.

– Deus do céu! – gritei – os pacientes devem ter se soltado!

– Parece que sim! – respondeu o Sr. Maillard.

Ele ficou pálido. Mal terminou a frase, quando houve uma nova gritaria. Algumas pessoas pareciam tentar entrar na sala. Usavam uma marreta para arrombar a porta. Sacudiam violentamente as venezianas até conseguirem arrancá-las. Houve uma confusão terrível. O Sr. Maillard, para minha surpresa, se escondeu. Fiquei decepcionado, porque esperava uma postura mais firme por parte dele.

Os músicos, que estavam embriagados nos últimos quinze minutos, de repente subiram na mesa e começaram a cantar animadamente uma música. Enquanto isso, um cavalheiro subiu com muita dificuldade na mesa de jantar, entre garrafas e copos. Assim que se posicionou corretamente, começou um discurso, que seria considerado excelente, se pudesse ser ouvido.

Neste momento, o homem que pensava ser um pião começou a rodopiar com os braços estendidos, derrubando todos que estivessem em seu caminho. E agora, ouvi o som de um estalo e efervescência que vinha da pessoa que pensava ser uma garrafa de champanhe. Ouvi também o coaxar do homem-rã e o som de um burro. A madame Joyeuse observava tudo completamente perplexa. De repente, ela foi para um canto perto da lareira e começou a cacarejar.

Houve então um clímax naquele momento. Enquanto a sala era tomada por gritos e berros, um grupo invasor entrou pelas janelas como um exército, sem encontrar nenhuma resistência. Recebi uma surra terrível. Rolei para debaixo de um sofá, onde permaneci imóvel.

Fiquei deitado por uns quinze minutos. Neste tempo, ouvi tudo o que acontecia na sala. O Sr. Maillard era, na verdade, o líder da rebelião. Tudo o que me contou, na realidade, eram relatos de suas próprias façanhas. Há uns dois ou três anos atrás, ele era o superintendente daquele local. Mas enlouqueceu e se tornou um paciente da instituição. O meu companheiro de viagem deveria desconhecer esse fato, quando me apresentou a ele.

Durante a rebelião, os seguranças do hospício foram amarrados, cobertos por pixe e penas, e então trancados em celas subterrâneas. Eles estavam presos há mais de um mês. O Sr. Maillard servia pixe e penas aos prisioneiros, que constituíam seu "sistema"; além de um pouco de pão e água em abundância. Diariamente, os seguranças recebiam duchas de água.

Isso se repetiu por um bom tempo até que, em um certo dia, um segurança conseguiu escapar pelo esgoto e libertou todos os outros. Assim, o sistema original foi retomado com modificações importantes na instituição. Não posso deixar de concordar com Sr. Maillard que o seu próprio "tratamento" deveria ser considerado em alguns pontos.

Tenho apenas que acrescentar que, até o presente momento, embora tenha eu procurado em quase todas as bibliotecas da Europa, eu nunca consegui encontrar qualquer exemplar da obra do Dr. Pixe e do Prof. Pena.

FIM

O conto **O sistema do Dr. Pixe e do Prof. Pena** foi publicado pela primeira vez em 1845. A história relata a visita do narrador a um hospício francês, comandado pelo misterioso Sr. Maillard. Pesquisadores sugerem que esta obra tenha sido uma inspiração para vários outros escritores, incluindo conto **O alienista** de Machado de Assis.